

A INTEGRAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO E DO PROFESSOR NA ÁREA EDUCACIONAL

*Maria José Monte Holanda**

"Ler é pôr-se no mundo como sujeito da História; é ter consciência dos processos que explicam a própria existência como ser político capaz de decisão."

Maria Lúcia Moriconi &
Vilma de Araújo Frisso

RESUMO

Considera a importância da integração entre bibliotecário e professor e a situação da escola e da biblioteca escolar como instituições responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e social do aluno e a leitura como meio complementar.

ABSTRACT

It takes into consideration the importance of the integration between librarian and teacher and the situation of the school and the school library as institutions responsible for the pupil's intellectual and social development, and reading as a complementary means.

1 - Introdução

Sendo a escola e a biblioteca instituições que se complementam como difusoras do livro, estimuladoras do gosto pela leitura e, conseqüentemente, co-responsáveis pelo desenvolvimento educacional e cultural do País, tentamos, através deste trabalho, uma reflexão, um maior entrosamento entre professor e bibliotecário no processo educacional, fazendo algumas considerações sobre a atual situação e atuação dessas instituições.

(*) *Bibliotecária da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Trabalho submetido à coordenação do Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares (8º Ceabe) como requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialista.*

Embora saibamos que o Estado e a classe dominante são os determinantes do bom ou mau funcionamento dessas instituições, que existe uma política de leitura, uma metodologia de ensino imposta ao País pelos grupos sociais que mantêm o poder, nós, bibliotecários e professores, não podemos deixar à deriva uma tarefa que, se conscientes formos, saberemos que somos por ela responsáveis.

Como agentes da informação, devemos promover a leitura como um meio de transformação e libertação do homem.

Está certo Silva⁹ quando diz existir uma contradição entre o enaltecimento que é feito à importância da leitura, aos benefícios que o livro nos traz, e a real dificuldade imposta à produção editorial brasileira. Enfim, louva-se uma causa, mas não se incentiva nem se luta por ela.

Encontramos explicações para estas afirmações, lembrando que a leitura consciente e bem refletida de um texto leva à compreensão de um contexto, e é justamente essa análise e esse questionamento que a classe dominante procura negar aos menos favorecidos, que são a maioria.

Baseando-nos nestas afirmações, propomos ao professor e a nós, bibliotecários, tentarmos, na escola com o aluno, fazer do ato da leitura, não uma mera decodificação de sinais gráficos, não uma atividade somente de lazer, mas principalmente promover o encontro entre autor e leitor. Citando as palavras de Moriconi & Frisso: "Pensar a leitura não é pensar o ato de decodificação da palavra impressa, pois o sentido desta só se dá quando se efetiva a comunicação (comunhão) na qual o homem se põe como sujeito, ator da situação existencial de que participam autor e obra, e não mero leitor do texto. Pensar a leitura... é sobretudo pensar o homem"⁶, p. 34-41).

O presente estudo é apresentado em tópicos. Primeiramente, focalizamos o desprestígio em que se encontram escola e biblioteca. Em seguida, vem a importância da leitura como meio de desenvolvimento e transformação do indivíduo e a maneira como ela está sendo apresentada na escola. O tópico seguinte, o quarto, mostra o atual desempenho do professor e do bibliotecário e a tentativa de levar estes dois profissionais a um trabalho integrado. Seguem-se a conclusão e as referências bibliográficas.

2 – O desprestígio das instituições educacionais: escola e biblioteca

Diante da atual situação educacional e cultural em que o País se encontra, comprovamos que ainda nos ficamos resquícios do Brasil colonial, quando as escolas eram privilégio dos ricos, os livros eram importados e vigiados; havia a proibição de gráficas e editoras, e as bibliotecas eram consideradas lugares silenciosos e sagrados.

As nossas escolas e bibliotecas, especialmente as públicas, estão sofrendo um desprestígio incômodo como consequência de uma política de ensino mantida pelo sistema de governo vigente, que não tem a educação e a cultura como setores prioritários para o desenvolvimento de um país. Até agora, as nossas bibliotecas ainda não se transformaram no que realmente deveriam ser, isto é, centros de documentação e informação, onde as pessoas transitariam livremente, destruindo essa imagem de serem apenas um depósito de livros organizados.

O desempenho educacional não pode ser julgado só pelo número de escolas existentes no País. O aumento da rede de escolas públicas tem se dado, não em termos de qualidade de ensino, mas principalmente em número de escolas mal equipadas, muitas vezes improvisadas, sem nenhum planejamento adequado ao seu bom funcionamento. Isto é comprovado diante do grande número de evasões escolares e do número de reprovações no vestibular, que chegam ao nosso conhecimento através de jornais, televisão etc.

Ainda é muito limitada no nosso País a difusão das obras escritas, pois o ato de ler, o acesso à informação significam conhecimento, análise e poder, de onde conseqüentemente surgiria uma população mais crítica e politizada, situação essa que não interessa à classe dominante. O domínio e a manipulação deverão continuar sem conflitos e contestações. Silva² acha que af está a razão da crise da leitura na escola e na sociedade brasileira. A educação, processe-se ela formal ou informalmente, só acontecerá através da leitura crítica, pela qual o leitor passa a incomodar, representando um obstáculo para a permanência das estruturas sociais injustas e desiguais vigentes no País.

A escola e os meios de comunicação são canais onde as informações são selecionadas e filtradas. De acordo com Milanesi⁴, no sistema escolar o filtro é o próprio programa de ensino, é o currículo, é a própria organização da escola. Para ele, a escola tem hoje a função de formar, ou seja; de dar a forma, caracterizando-se como forma que obedece a um programa organizado pelos órgãos centralizadores.

A elitização da cultura no Brasil continua. A escola pública hoje se encontra desacreditada pela sociedade, descrédito esse conseqüente do desamor à causa pública por parte dos nossos governantes e também causado pelo despreparo dos profissionais da educação.

A escola privada também concorre para a continuação dessa elitização, pois hoje funciona como empresa, com fins mais lucrativos do que educacionais, onde só uma minoria tem acesso.

Diante dessa realidade, nós, profissionais educadores, temos de cumprir o nosso compromisso com a educação e com a sociedade, não nos deixando envolver por uma política de elitização da leitura. É necessário urgentemente que tentemos estabelecer o prestígio dessas instituições e da classe educadora, já que hoje estão com a imagem tão desgastada. Não nos podemos prender só aos programas educacionais e culturais do governo. Não devemos permitir que a escola continue a ser o que foi até hoje: formadora do aluno acomodado, não-questionador, memorizador de normas gramaticais e um reproduzidor de dogmas.

3 – A importância da leitura

3.1 – A leitura como fator de desenvolvimento e libertação do indivíduo

Estamos sempre ouvindo dizer que o brasileiro não gosta de ler. No regime capitalista em que vivemos, estamos todos preocupados em sobreviver, em competir, em consumir, pois são estes valores que regem esse sistema. Os pais brasileiros, na maioria assalariados, trabalham o dia todo. As mães, quando não trabalham fora para complementar com seu salário as despesas familiares, estão em casa nos afazeres domésticos, que, sabemos, são muitos. À noite, cansados e sem muitas perspectivas, como dispõem de tempo e ainda

terem prazer de ler? A televisão surge bem mais convidativa, por não requerer um raciocínio mais apurado, pois a informação já vem pronta e, na maioria das vezes, como lazer.

Mas sabemos que a leitura não é uma questão de dom ou herança genética, apesar de que num ambiente favorável, num lar onde os pais facilitam o desenvolvimento do hábito de ler, o gosto pela leitura poderá vir naturalmente. Caso isso não aconteça, escola e biblioteca deverão trabalhar nesse sentido. Como diz Silva⁷, a leitura é fundamentalmente uma prática social, potencial que é desenvolvido no seio do grupo social através de práticas coletivas específicas e condições concretas que permitam a sua possibilidade. Segundo ele, a crise da leitura no Brasil obedece a um programa muito bem planejado por aqueles que detêm o poder, onde os professores, influenciados consciente ou inconscientemente pelo sistema, mostram o aluno como o "bode expiatório". Dizem ser ele a causa do desastre da leitura, que tem preguiça mental para ler, que a família não estimula a criança para a leitura, e culpam a televisão por ocupar todo o tempo disponível do estudante. Tudo isso se relaciona um pouco com esta situação, mas os educadores não param para refletir na relação existente entre a escola e o todo social e a política dominante no País. Não se sentem responsáveis pelo problema.

A leitura requer diálogo, discussão e criação. Aqui encontramos grande falha da escola, onde ela se tem mostrado uma incentivadora de anotações, cópias e memorizações, não dando ao aluno a oportunidade de dialogar, discutir e criar, atividades que poderão advir da leitura de um texto.

Só através de um trabalho bem planejado, de um programa de ensino e aprendizagem bem elaborado, é que a escola, junto à biblioteca, poderá despertar no aluno o gosto pela leitura. Professor e bibliotecário devem se empenhar ao máximo a fim de desenvolver um trabalho sintonizado, onde a leitura leve os alunos à reflexão, à busca de conhecimentos, ao entretenimento, ao desenvolvimento do senso crítico e à compreensão da sua realidade, do seu dia-a-dia. Se conseguirmos que o aluno chegue à compreensão do texto num encontro entre autor e leitor, ao ponto de este se sentir como sujeito, como ator da situação, aí então nos teremos aproximado bastante do verdadeiro objetivo da leitura.

A literatura infanto-juvenil poderá ser um meio de favorecer o gosto pela leitura. Yunes¹⁰ diz que o texto literário não é autoritário ou determinante de regras. Daí o texto literário prender o leitor pela sua subjetividade, pela emoção, dando-lhe um certo prazer pela identificação com a sua realidade.

O ideal seria que esse processo fosse iniciado no lar, com os pais lendo para os filhos, contando histórias etc. Mas, como já foi dito, a maioria das nossas famílias não têm condições econômicas nem intelectuais para isso. Caberá à escola suprir essa lacuna, não podendo se omitir dessa função. É importante que estejamos atentos e tentemos compreender os escolares de hoje dentro de um mundo consumista, de valores materiais sufocando os valores morais e espirituais. A criança ou adolescente que depara com uma realidade cheia de conflitos sociais, modismos e competições desiguais, poderá achar sem importância frequentar uma escola e estudar, pois poderá se sentir desestimulado pela dura realidade. Então ele precisará de orientações que questionem todas essas situações, que esti-

mulem todo o potencial existente nos jovens. Este estímulo poderá ser realizado através da informação.

Faz-se urgente uma mudança de filosofia, de política no sistema escolar. Precisamos de um plano de ação que adote como estímulo a curiosidade, a renovação do conhecimento, que exija boa qualidade do livro didático, que incentive a exploração dos textos e analise o conteúdo cultural e ideológico das obras didáticas e literárias. Um sistema educacional que permita à biblioteca executar a sua função pedagógica e cultural, visando a uma nova metodologia de leitura nas escolas e nas bibliotecas.

3.2 – A leitura na escola

A educação deverá contribuir para o desenvolvimento dos países e principalmente de seus povos. No Brasil, para que essa função se realize – que é fundamentalmente a de atender aos reais interesses e necessidades do indivíduo, visando ao seu crescimento pessoal, estimulando a sua capacidade mental, enfim, desenvolvendo-o integralmente –, faz-se necessária uma revisão e mudanças profundas nos conteúdos e métodos de ensino atuais brasileiros.

Atualmente os programas de ensino têm sido alvo de críticas por parte dos educadores, dos pais e até mesmo dos estudantes, isto porque não estão levando o aluno a ter um desenvolvimento crítico e dinâmico. O conhecimento já pronto, acabado, transmitido ao aluno através de programas rígidos e dogmáticos determinam entre professor e aluno uma relação de superioridade e inferioridade, de dependência entre este e aquele⁵.

A leitura na escola vem sendo apresentada de uma forma que não está levando o aluno a gostar de ler. Na opinião de Freire³, os professores têm uma visão errônea do que seja o ato de ler, quando insistem em que os alunos leiam um incontável número de capítulos de livros, quando impõem extensas bibliografias, que terminam sendo “devoradas”, e não lidas ou estudadas. Ele acha que esta quantidade de leituras sem a verdadeira compreensão do texto revela uma visão mágica da palavra escrita, visão errada e que deve ser superada. É através da informação, da reflexão e do desenvolvimento crítico que um novo mundo poderá surgir para o aluno.

São muitas as dificuldades que surgem para impedir o desenvolvimento do gosto pela leitura no aluno: um acervo deficiente, a leitura imposta pela escola, a cobrança através da ficha de leitura e o livro didático que não satisfaz.

A biblioteca escolar deveria contar imprescindivelmente com três tipos de material bibliográfico: literatura infanto-juvenil, obras de consulta e referência e livros de texto. Sabemos que as nossas bibliotecas escolares são carentes neste sentido, e que a leitura é imposta por professores, não dando ao aluno a chance de escolher entre o tipo de leitura que mais lhe agrade.

Vários estudiosos criticam as fichas de leitura, pois elas se transformaram em algo mecânico, sem interesse para os alunos; isto porque, além de padronizadas pela editora, só estão servindo como meio de avaliação. Silva⁷ diz que as fichas de leitura deveriam, se bem utilizadas, servir como um meio de análise e crítica dos textos lidos, aprimorando os conhecimentos do leitor; então não seriam condenáveis. Cabe ao professor combater esse estilo limitado do estudo do texto e abrir espaço para discussões entre os alunos sobre o que foi lido.

Os livros didáticos também apresentam textos desinteressantes e alienados, com conteúdo totalmente fora da realidade da maioria dos nossos alunos. São textos de conteúdo padronizado e burguês, que não levam o aluno a refletir, a questionar as contradições sócio-econômicas existentes na nossa sociedade, pois estes textos nos induzem sutilmente a achar que estas desigualdades são normais.

Tudo isto acontece porque professor, bibliotecário, pedagogo, toda a classe educadora, não se encontram engajados, participantes do processo educacional como deveriam. Todo o planejamento ou qualquer programa relacionado à educação e à cultura deveria ser encabeçado por esta classe, o que na maioria das vezes não acontece por interesses predominantemente políticos e financeiros.

4 – Realidade da atuação do professor e do bibliotecário

Existe, entre o trabalho do professor e o do bibliotecário, uma distância e uma insatisfação recíproca, talvez causada pela imagem que estes profissionais têm um do outro. Segundo Silva⁸, o professor vê o bibliotecário como um organizador e guardador de livros sem muitos recursos culturais. Enquanto aquele surge diante deste como um profissional sem muita competência, que, não sabendo como desenvolver no aluno o gosto pela leitura, faz da biblioteca uma válvula de escape, mandando-o para lá sem uma explicação concreta do que realmente deva pesquisar.

Desse desencontro, o trabalho que deveria ser feito em conjunto não se realiza, daí resultando pesquisas superficiais ou apenas cópias de textos, afastando o leitor do verdadeiro objetivo da leitura e da investigação. Isto realmente acontece, pois nós, que trabalhamos na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, onde diariamente recebemos grande número de alunos do 1º e 2º Grau, assistimos a os alunos chegarem totalmente desorientados, não sabendo dizer o que realmente procuram.

Existe também a omissão por parte do bibliotecário, que ainda não procurou se inserir no processo educacional, pois se assim agisse, desenvolveria junto ao professor um trabalho mais participativo, não atuando só na parte técnica, de organização do acervo da biblioteca, mas principalmente tentando, além da comunicação com o professor, comunicar-se também com o aluno. Concordo com Milanesi⁴ quando diz que a fala é fundamental e que o bibliotecário deve se colocar ao lado do público, atuando como mediador entre o acervo e o leitor.

Não podemos deixar de considerar a deficiência do curso de graduação em Biblioteconomia, onde não somos preparados para lidar diretamente com o público, não nos conscientizando de que deveríamos atuar como transmissores e estimuladores da informação. Lá, nos formamos como organizadores, catalogadores e classificadores de livros, os quais deverão permanecer nas estantes, organizados, à espera de que alguém os procure. Se bem que hoje já vemos uma mudança, um desejo de renovação na área biblioteconômica. Podemos comprovar isto diante de novas disciplinas que foram incluídas no currículo, tais como, Estudo do Usuário, Planejamento Bibliotecário, Leitura, Teoria e Prática, Bibliotecas Públicas e Escolares, e outras que levam o profissional a uma nova mentalidade diante do leitor. Também os congressos que se realizam de dois em dois anos, as bibliografias e os cursos

de especialização na área mostram a preocupação que os profissionais estão dispensando ao problema.

O trabalho do bibliotecário passará a ter o reconhecimento merecido a partir do momento em que sairmos do comodismo, das quatro paredes, e nos dispusermos a participar da realidade fora da biblioteca, envolvendo-nos com a escola e com a comunidade. Cito aqui o exemplo da Biblioteca Pública de Porto Alegre, que recentemente acrescentou mais um serviço à comunidade: o telelivro. As pessoas idosas ou deficientes, que têm dificuldade de se locomover, ligam para a biblioteca e fazem o pedido de até três livros pelo prazo de dez dias. Um funcionário da biblioteca faz a entrega a domicílio, e o beneficiado paga apenas a passagem do ônibus desse funcionário.

Durante o Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares, realizado em Fortaleza no período de setembro a dezembro de 1988, promovido pelo Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, na disciplina Serviço ao Usuário, Biblioteca Escolar, tendo como professora Ana Maria Sá de Carvalho, foi-nos dada como tarefa uma visita a dezessete escolas de 1º e 2º Grau, públicas e privadas, da rede educacional do Ceará. Através dessa pesquisa, foi constatado que essas escolas possuem biblioteca ou sala de leitura. Entretanto, poucas delas contavam com acervo e instalações adequadas e com bibliotecários. No entanto, foi mais triste confirmarmos que a atuação desse profissional perante a instituição maior, ou seja, a escola, não satisfaz. Falta um trabalho integrado entre professor e bibliotecário, pois este não realiza atividades que dinamizem escola e biblioteca. O bibliotecário sempre se queixando do desprestígio, dos recursos humanos e materiais que lhe são dispensados e sentindo-se totalmente marginalizado na escola pela falta de apoio à biblioteca.

Também foi feito um estudo no Instituto de Educação do Ceará, pela professora Ana Maria Sá de Carvalho, através de questionários aplicados a alunos e professores no ano de 1983. A casa contava na época com um quadro de professores experientes e de bom nível, pois 42,50% possuem curso de especialização em diferentes áreas da educação e 5% têm título de mestre em educação. Foi constatado que 57,50% deles consideram satisfatórios os trabalhos de pesquisa realizados nesta casa educacional. Já 53,4% dos alunos consideraram "boa" a biblioteca, apesar da carência do acervo e outras falhas. Vemos que no IEC, que é um dos mais importantes órgãos educacionais do Ceará, pois é onde se forma grande número de professores para atuar no 1.º Grau, a equipe docente não mantém um trabalho sintonizado com o bibliotecário. Só através de um entrosamento entre o corpo docente, o discente e a equipe técnica é que poderá resultar uma aprendizagem satisfatória, já que existe uma falta de orientação dos professores em relação aos alunos, fazendo com que estes desconheçam a metodologia da pesquisa e realizem tarefas insatisfatórias.

Como resultado dessas pesquisas, vemos que os objetivos aos quais a biblioteca escolar se propõe não são realizados. Citamos aqui algumas das funções da biblioteca escolar:

- servir como sistema de apoio ao sistema educacional, pondo ao alcance de professores e alunos uma variada gama de material educativo;

- funciona como instrumento indispensável para o desenvolvimento do currículo, tornando-se um centro de aprendizagem, um laboratório; e
- ser um centro de aprendizagem, onde educadores e estudantes poderão ampliar seus conhecimentos, desenvolver pesquisas, o hábito da leitura etc.

Acho que ambas as classes até agora não se conscientizaram da importante categoria profissional a que pertencem, de agentes culturais. Falta um conhecimento mais profundo da nossa realidade histórica, política, econômica e social. Temos de realizar urgentemente um questionamento quanto aos nossos conhecimentos e valores, principalmente em relação à leitura. Nós, que a defendemos como tão importante atividade, como transformadora e libertadora do indivíduo, sabemos do baixo índice de leitores dentro do grande número de professores e bibliotecários. Segundo Milanese⁴, a precariedade da escola começa no docente, pois mesmo que existisse um currículo de bom conteúdo, este de nada adiantaria diante de um professor com baixo nível de informação, e isto também se aplica ao bibliotecário.

Professor e bibliotecário deverão trabalhar a leitura como base para as outras disciplinas, como informação e como reflexão, promovendo mudanças. Atualmente, o estudante vai à biblioteca, não por prazer, e sim por obrigação. Novamente cito Milanese⁴, quando ele diz que a pesquisa, que poderia ser um prazer, transforma-se no sacrifício necessário para a nota, para a aprovação. Os alunos insubordinados são mandados para a biblioteca como um castigo. O que acontece? A biblioteca, que deveria ser um local de prazer, de leitura, que o leitor procuraria naturalmente, passa a ser um local de sacrifício, de obrigação.

Então vemos que professor e bibliotecário deverão ser pessoas com um certo nível de formação e fato. É certo que não contamos com bibliotecário-educador ou professor-bibliotecário com a formação e experiência necessárias para atuar neste campo. Por isso é que ambos precisam trabalhar em conjunto, numa tentativa de complementar suas tarefas⁵.

O que poderá ser feito? Como desenvolver um trabalho conjunto tentando-se obter resultados favoráveis?

4.1 – Tentativa de um trabalho conjunto

Talvez por nos termos restringido a agir silenciosamente, limitando-nos a espaços e normas pré-estabelecidas, se explique a situação de desprestígio em que se encontram professor e bibliotecário. Como já foi dito, o reconhecimento do nosso trabalho só acontecerá quando ele for mostrado ao público, fora das paredes, e quando nos envolvermos com a comunidade de modo que esta se sinta em processo de transformação.

Só através de um encontro que leve a uma atividade integrada, poderão escola e biblioteca mudar a feição, a imagem do que tem sido até hoje a educação no Brasil. Desenvolvendo um programa onde seja promovida uma cultura literária viva, evidenciando o conhecimento da realidade na qual vamos atuar, promovendo mais leitura e revendo histórica e sociologicamente todo o contexto cultural que nos foi transmitido até hoje.

Professor e bibliotecário têm uma parcela de responsabilidade no processo educacional. Juntamente com os pais, devemos dar à fase pré-esco-

lar a importância que lhe cabe na vida da criança, formalizando esta fase de pesquisa e descobertas com dramatizações, contos, desenhos, relatos orais, música etc. É importante que trabalhem a criança como um todo, desenvolvendo o seu potencial afetivo e emocional, não nos limitando a lhe ensinar somente conteúdos gráficos: escrita, pintura e desenho.

O bibliotecário deverá participar tanto do planejamento escolar como de qualquer programação da escola. Assim, fará valer a sua contribuição para o desenvolvimento cultural do aluno, complementando o trabalho do professor. Poderá ser estudada uma maneira de estimular a pesquisa escolar, levando o aluno a uma postura ativa e cheia de curiosidade, tentando fazer dessa pesquisa uma verdadeira investigação. Dela deverão surgir discussões e questionamentos, não ficando apenas em uma leitura superficial ou cópia. Para isso será necessário um maior empenho desses profissionais, um maior entrosamento na elaboração de programas junto à equipe coordenadora de currículo e programas da Secretaria de Educação. Tudo isso para que leitura e pesquisa se torne um prazer, com discussões e interpretações livres.

Consideramos indispensável a criação de programas que promovam cursos, treinamentos e seminários, visando a um melhor desempenho de professores, bibliotecários e auxiliares que atuam nas escolas de 1º e 2º Grau.

A Biblioteca Pública do Estado poderia vir a ser a organizadora de um programa onde, através de seus bibliotecários, fosse levada às escolas públicas e privadas do 1º e 2º Grau uma assistência permanente. Entrariam em contato com profissionais destas instituições e, juntos, procurariam desenvolver um programa de conscientização da comunidade e da responsabilidade do Estado a fim de proporcionar condições para um melhor funcionamento das escolas e bibliotecas. Daí então seriam promovidos seminários, concursos de leitura, dramatizações, vídeos etc., fazendo com que a biblioteca passasse a ser um órgão atuante dentro da escola e significativo para professores, alunos e a comunidade.

Deixando de lado as cobranças autoritárias que professores e bibliotecários costumam fazer aos alunos, com leituras impostas, fichas de leitura etc., esses profissionais devem dar o exemplo como sendo leitores habituais, mostrando conhecimentos e experiências adquiridos através de leituras.

Escola e biblioteca deverão possibilitar o desenvolvimento dos aspectos fundamentais da leitura, mecanismo e compreensão, na opinião de Carvalho¹, de maneira que no momento em que a escola se ausente da vida do aluno, a biblioteca continue sua missão, porque saber ler é um hábito que se adquire ao longo da vida.

Os interesses da classe bibliotecária e do professorado são os mesmos em termos educacionais. Associações, entidades de classe e sindicatos deverão se unir e lutar numa tentativa de restaurar o prestígio, a dignidade e melhores salários para a classe educadora.

5 - Conclusão

Os trabalhos de pesquisadores e estudiosos e também a nossa vivência profissional nos mostram as dificuldades existentes nas nossas escolas e bibliotecas, principalmente quando públicas e escolares.

A carência dos acervos, os livros didáticos com textos alienantes e coniventes com o sistema atual, profissionais despreparados e desprestigiados

e o trabalho desarticulado entre professores e bibliotecários, são algumas das causas que determinam grandes prejuízos para o atual processo educacional brasileiro.

Como educadores, devemos também nos sentir responsáveis pelo grau de educação e cultura do nosso povo, já que vivemos num país onde educação e cultura não são prioridades e onde milhões de pessoas são analfabetas.

Não podemos negar a força irresistível das comunicações de massa, mas a leitura continua tendo o papel principal nos processos de comunicação, informação e esclarecimento, impedindo a limitação do raciocínio e da imaginação. A leitura crítica, questionadora, continua sendo o grande meio de desenvolvimento, transformação e libertação do homem.

Já que concordamos com estas afirmações, é fundamental que nós, bibliotecários e professores, assumamos um compromisso de tentar realizar um trabalho que eduque, instrua e informe o educando, contribuindo não só para o seu desenvolvimento intelectual, mas também para o seu desenvolvimento social.

Que a biblioteca escolar seja um centro de informação, atuando como incentivadora da leitura, que seja um ambiente de consulta, de troca de idéias e opiniões, tendo professores e bibliotecários como orientadores e cooperadores para a realização efetiva da verdadeira função da biblioteca escolar.

6 – Referências bibliográficas

- 1 – CARVALHO, Ana Maria Sá de. **A biblioteca na escola**. Fortaleza, SESI/SENAI, 1984.
- 2 – _____. Da importância da biblioteca para a pesquisa escolar. **Revista de Comunicação Social**. Fortaleza, 15(2):1-14, jul.-dez. 1985.
- 3 – FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**; em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados; Cortez, 1988. 80 p.
- 4 – MIL ANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar**; Centros de Cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986. 258 p.
- 5 – MODELO flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares. I modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares. Brasília, Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares/FEBAB, 1985. 287 p.
- 6 – MORICONI, Maria Lúcia I. N. & FRISSE, Vilma de Araújo. Leitura e qualidade de ensino. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 13, Vitória, 1985. **Anais . . .** Vitória, Associação de Bibliotecários de Vitória, 1986, p. 34-41.
- 7 – SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo, Martins Fontes, 1988. 95 p.
- 8 – _____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP, Papyrus, 1986. 115 p.
- 9 – SILVA, Lilian Lopes Martins da. **A escolarização do leitor**; a didática da destruição da leitura. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. 72 p.
- 10 – YUNES, Eliana. A leitura e o despertar do prazer de ler. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 13, Vitória, 1985. **Anais . . .** Vitória, Associação de Bibliotecários de Vitória, 1986, p. 20-27.

*
* *